

DESEMPENHO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ALIMENTOS PÓS-PLANO REAL¹

Geni Satiko Sato²

1 - INTRODUÇÃO

A indústria de alimentos no Brasil tem importante participação na economia, contribuindo com cerca de 9% a 10% do Produto Interno Bruto (PIB). Trata-se de um setor produtivo relevante para o *agribusiness*, envolvendo elos de várias cadeias produtivas da agricultura e pecuária.

A participação do setor nas exportações tem peso relativo considerável, com participação média de 17% do valor total das exportações brasileiras em 2002.

Numa retrospectiva da indústria de alimentos no Brasil, apresentada por Lima (1979)³, relativo ao setor produtivo, constatou-se a partir da década de 1970 o aumento da contribuição dos produtos mais elaborados ou de maior valor agregado para 31,9% do valor da produção. Rattner (1986)⁴ observou que os estabelecimentos médios da indústria alimentícia, nos anos 70s, representaram 5,9% do total e respondiam por 53,6% do valor da produção. Nos anos 80s, o mesmo autor constatou alterações que indicavam queda da participação dos estabelecimentos médios para 3,5%. No entanto, a contribuição no valor da produção cresce para 57,9%.

Com relação à demanda, Pomeranz⁵ demonstrou que os alimentos com menor valor agregado são mais inelásticos à renda, e o seu consumo aumenta com o crescimento do emprego e da renda real. Nos anos 80s foram esses

fatores que contribuíram para o faturamento da indústria de alimentos, pois a economia brasileira apresentou, no período, baixas taxas de crescimento.

Nos anos 90s, considerando o primeiro quinquênio - período de abertura de mercado para empresas estrangeiras - as nacionais tiveram que se remodelar para manter competitividade. Nesse período, as empresas também passaram por um período de estabilização inflacionária, viabilizado pelo Plano Collor, e, em seguida, ocorre o retorno da inflação em 1992-93, acompanhada de crises políticas internas. Em junho de 1994, o Plano Real dá início a um novo período com expectativas mais concretas de estabilidade inflacionária de médio e longo prazo.

Sato (1977)⁶, ao analisar a indústria de alimentos no período 1990-95, constatou que o setor passou por reestruturações, impulsionadas pelo aumento da competitividade e formação do MERCOSUL. Nesse período, observaram-se movimentos de fusões e aquisições, modernização gerencial e, devido ao aumento da competitividade, as empresas aprenderam a trabalhar com margens menores.

Pretende-se analisar neste artigo índices de desempenho da indústria de alimentos, publicados pela Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), de 1995 a 2002, separando a análise em dois períodos, 1995-1998 e 1999-2002. Justifica-se essa quebra na série de tempo à desvalorização cambial ocorrida em janeiro de 1999 que acarretou em todos os setores produtivos da economia brasileira mudanças de planejamento e desempenho.

2 - PERÍODO 1995-1998

O ano de 1995 apresentou forte aquecimento do consumo, após a estabilização pro-

¹A autora agradece a colaboração de Regina M. S. Santa, Economista, Agente de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

²Engenheira de Alimentos, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

³LIMA, B. M. F. O setor de alimentos e a política industrial. *Conjuntura Econômica*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 11, p. 48-58, nov. 1979.

⁴RATTNER, H. Gestão tecnológica. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 17-36, jul./set. 1978.

⁵POMERANZ, L. A demanda de produtos alimentícios industrializados no Brasil. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 17, n. 6, p. 81-101, nov./dez. 1977.

⁶SATO, G. S. Perfil da indústria de alimentos no Brasil: 1990-95. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 56-66, jul./set. 1997.

movida pelo Plano Real em julho de 1994. O faturamento real do setor apresentou uma variação de 33,3% de 1995 a 1998 (Tabela 1). Troccoli (1996)⁷, ao analisar o consumo de alimentos no período logo após o Plano Real, constatou forte incremento da demanda e expansão também nas classes de baixa renda (D e E).

A produção física apresentou crescimento médio no período 1995-98 de 4,38% a.a. A ocupação média da capacidade instalada apresentou-se elevada (76,35%). As exportações do setor, relativamente ao total do País, ficaram na média de US\$ 9 bilhões, refletindo a falta de estímulo aos mercados externos, devido ao regime cambial fixo adotado no Plano Real (Tabela 1).

3 - PERÍODO 1999-2002

Na segunda fase, com a desvalorização cambial, em janeiro de 1999, e efeitos das crises externas, a economia brasileira apresentou-se fragilizada, com perspectivas de baixo crescimento, o que afetou a ocupação média da capacidade instalada da indústria de alimentos, cuja média anual decresceu para 74,29%, inferior à do período anterior analisado (Tabela 2 e Figura 1). O faturamento líquido no período apresentou variação de 18,1%. A desvalorização do real para R\$1,90/US\$ elevou ligeiramente a participação das exportações no período, cujo valor médio ficou em US\$9,27 bilhões. O efeito cambial, provavelmente, foi bastante amortecido pela política interna de elevadas taxas de juros. Por ter sido ano eleitoral, 2002, foi muito instável, favorecendo o aumento de preços. O governo optou, então, pela elevação dos juros básicos da economia, temendo o retorno da inflação. A elevação da taxa de juros desaqueceu rapidamente o consumo causando redução no ritmo da indústria e aumento do desemprego.

Apesar de a indústria de alimentos ser a menos afetada que outras indústrias de transformação em períodos de crise, o consumo realmente não apresentou crescimento, com baixa ocupação média da capacidade instalada e pouca produção física (3,3% a.a.) (Tabela 2).

Até maio de 2003, a taxa de juros Selic⁸

continuou em patamares elevados de 26,5% ao ano. A partir de junho, dado o forte desaquecimento da economia, refletindo na capacidade ociosa da indústria e no aumento do desemprego, o Governo optou pela redução gradual das taxas de juros, que em fins de outubro, atingiu o nível de 19% ao ano.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o controle da inflação e o aumento da capacidade de compra da população, o período imediatamente após o Plano Real reagiu positivamente nos resultados de desempenho da indústria de alimentos, com aumentos da ocupação média da capacidade instalada e da produção física. A partir de 1999, apesar da flexibilidade cambial, adotada pelo Governo, o desempenho do setor não foi satisfatório, devido, principalmente, ao desaquecimento da economia, decorrente da elevada taxa de juros. As exportações da indústria de alimentos apresentaram pequenos aumentos, a partir de 2001, dada a desvalorização cambial, porém, a capacidade ociosa não se alterou.

Apesar das condições macroeconômicas brasileira, de controle da inflação e gradativa redução das taxas de juros, no final do terceiro trimestre de 2003 ainda não se observava aumento de emprego que gerasse incrementos de consumo. Porém, as perspectivas para a indústria de alimentos são de aquecimento até o final de 2003, considerando-se o efeito sazonal das festas natalinas.

⁷TROCOLLI, I. Alimentação: padrões de consumo no Brasil, *Agroanalysis*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 9, p. 13-15, set. 1996.

⁸Taxa de juros administrada pelo Banco Central.

TABELA 1 - Indicadores de Desempenho da Indústria de Alimentos, Brasil, 1995-1998

Indicador	1995 (a)	1996	1997	1998 (b)	Média	Variação (%) (b)/(a)
Faturamento líquido (R\$bilhão)	55,5	64,5	67,4	74,0	67,0	33,3
Participação no PIB (%)	9,98	9,67	9,04	9,39	9,52	-4,8
Emprego (1.000 empregados)	-	-	890	858	874	-
Empresas (1.000 estabelecimentos)	-	-	-	40,4	-	-
Ocupação média da capacidade instalada (%)	78,04	78,93	77,02	71,41	76,35	-8,5
Produção física (% a.a.)	7,20	4,23	1,20	4,89	4,38	-32,0
Exportações de alim. industrializados (US\$ bilhão)	9,0	9,3	9,2	8,7	9,0	0,0

Fonte: Elaborada a partir de dados da ABIA. Disponível em: <<http://www.abia.org.br>>. Acesso em: 15 out. 2003.

TABELA 2 - Indicadores de Desempenho da Indústria de Alimentos, Brasil, 1999-2002

Indicador	1999 (a)	2000	2001	2002 (b)	Média	Variação (%) (b)/(a)
Faturamento líquido (R\$ bilhão)	79,5	86,4	96,8	113,1	93,9	18,1
Participação no PIB (%)	9,6	9,2	9,5	9,6	9,48	0,0
Emprego (1.000 empregados)	853	862	911	947	893	11,1
Empresas (1.000 estabelecimentos)	40,3	39,8	38,8	-	39,6	-3,7
Ocupação média da capacidade instalada (%)	74,63	73,33	74,62	74,60	74,29	0,0
Produção física (% a.a.)	3,5	2,5	4,3	2,9	3,3	-17,1
Exportações de alim. industrializados (US\$ bilhão)	8,6	7,7	10,1	10,7	9,27	24,4

Fonte: Elaborada a partir de dados da ABIA. Disponível em: <<http://www.abia.org.br>>. Acesso em: 15 out. 2003.

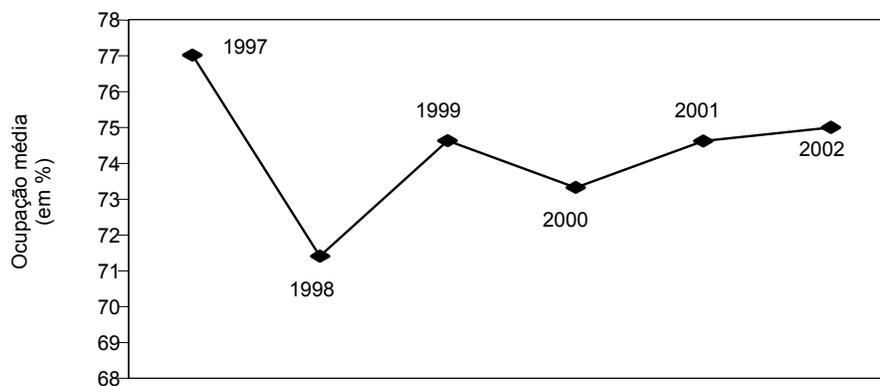


Figura 1 - Ocupação Média da Capacidade Instalada da Indústria de Alimentos, 1997-2002.

Fonte: Elaborada a partir de dados da ABIA. Disponível em: <<http://www.abia.org.br>>. Acesso em: 15 out. 2003.